



SINDICATO NA LUTA



ELEIÇÕES EM TEMPOS DE GOLPE:
O QUE **NÓS MULHERES** TEMOS
A VER COM ISSO?

PÁGINA 2

Está acontecendo a
PESQUISA

SABES
SAÚDE E BEM-ESTAR
DO SERVIDOR DA FURG

**FURG REALIZA
PESQUISA SOBRE
SAÚDE E BEM-ESTAR
DOS SERVIDORES**

PÁGINA 4



**SINTONIZA COM A GENTE
NA 106.7 FURG FM
E NO CANAL 15 DA NET**



g ê n e r o



Alerta Feminista

ELEIÇÕES EM TEMPOS DE GOLPE: O QUE NÓS MULHERES TEMOS A VER COM ISSO?

Mais um pleito eleitoral se aproxima, e dessa vez diante de um contexto político crítico e agravado após o Golpe de 2016. Nesses dois anos, o (des)governo de Michel Temer reflete o seu machistério formado em sua maioria por homens, brancos, da elite econômica. Essa mesma composição tende a se fortalecer nas próximas eleições, que podem significar a normalização do Golpe, a depender da combinação da influência das forças autoritárias, conservadoras, detentoras do poderio econômico com um sistema político avesso à participação popular, cujas regras privilegiam quem já está no poder.

Por outro lado, crescem as iniciativas e campanhas denunciando o desmonte das políticas públicas, as violações e retiradas de direitos, o recrudescimento da violência no campo e nas cidades e a criminalização dos movimentos sociais, praticada cotidianamente pelo governo golpista. Essa mobilização é convocada pelos movimentos sociais, organizações da sociedade civil, cidadãos e cidadãs em defesa dos ritos democráticos, demandando a revogação das medidas aprovadas nos últimos dois anos, convocando a população a votar em candidaturas feministas e antirracistas, exigindo eleições livres, sem a influência das forças autoritárias que a cada dia usurpam o sentido da política e da soberania popular.

Nesse contexto eleitoral, as mulheres voltam à cena: nossas pautas, reivindicações, nossas subjetividades e nossos corpos estão no olho do furacão de uma disputa extremamente moralista e misógina, discriminatória e virulenta em relação à diversidade, onde a meritocracia, o ódio pela esquerda e o rechaço aos direitos

humanos ocupam a centralidade dos debates, com mais vigor do que as propostas sociais e econômicas. É uma disputa em que o conservadorismo caminha a passos largos, associado à economia neoliberal, para diminuir a presença do Estado na oferta dos serviços básicos, onerando e agravando as condições de vida das brasileiras.

Nós mulheres mostramos que não aceitamos a ruptura democrática. Não apenas denunciemos cotidianamente o Golpe e as várias tentativas, bem como as reais perdas de direitos que temos sofrido, mas também seguimos resistindo nas ruas, ocupando espaços, praças e nos manifestando publicamente, muitas vezes sob ataques violentos da polícia. Ainda que não estejamos suficientemente representadas nas instâncias de poder instituídas, estamos à frente das ações de resistência, mostrando como insistimos em existir e demandar por nossos direitos e uma vida digna para a população brasileira.

Somos maioria do eleitorado (52%), e mesmo com as novas regras eleitorais para promover as candidaturas femininas, superar a sub-representação política das mulheres é um desafio que requer um decisivo investimento e políticas permanentes de combate às desigualdades para transformar a cultura política do País, e nos retirar do vexaminoso 152º lugar no ranking mundial em relação à participação das mulheres no parlamento federal.

As mulheres organizadas em movimentos sociais e em partidos políticos demandaram e conquistaram leis e políticas públicas para alterar a sub-representação política feminina – lei de cotas, planos de política para as mulheres, revisão da lei de cotas, tempo de TV e propaganda eleitoral;

recursos do fundo partidário; apoio à formação política e criação de instâncias de mulheres nos partidos políticos.

Ou seja, não é por falta de ações, propostas, planos e leis que a baixíssima representatividade feminina persiste. Fato é que nosso sistema político impede, nega e rechaça a participação das mulheres, da população negra, jovem, indígena, de pessoas portadoras de deficiência e da classe trabalhadora nos espaços de decisão e poder.

Precisamos denunciar a vergonhosa ausência das mulheres dos espaços institucionais de poder, e o agravamento desse quadro após o Golpe de 2016, com o aumento das desigualdades sociais, raciais, étnicas, de gênero e de classe.

Precisamos defender o debate de ideias e conteúdo, promovendo plataformas progressistas pró-direitos para que a representação política seja tensionada a favor da cidadania, da paridade, da diversidade, da justiça social, do desenvolvimento sustentável e da laicidade do Estado, neste país marcado por tantas desigualdades.

Que a presença das mulheres na política seja um elemento transformador da vida, que sejam eleitas mulheres (e homens) comprometidas/os com a afirmação e a ampliação de nossos direitos, em diálogo com os movimentos sociais é o caminho que queremos.

Precisamos reafirmar que a política é uma dimensão importante da vida humana e que é urgente exercer nossa cidadania política para transformar as estruturas de desigualdade, para promover a justiça para todas as pessoas e não fazer mais do mesmo.

editorial



ELEIÇÕES 2018:

QUAL CAMINHO SEGUIR NO DIA 28 DE OUTUBRO?

Começamos com uma importante pergunta: O que a categoria técnica-administrativa em educação tem a ver com o dia 28 de outubro? O que devemos pensar em considerar? A edição do nosso jornal "Sindicato na Luta", sai, justamente, muito próximo do dia eleições, portando, a pergunta que fazemos é de importância vital, para todos e todas técnicas em educação. Duas razões: a primeira delas diz respeito a ideia de que nós todos e todas somos pertencentes a classe social, trabalhadora, por tanto queremos dizer que todos nós vivemos do nosso trabalho, vivemos do que chamamos de trabalho assalariado. Na ausência de nossos empregos, o que nos restará será engrossar o setor social que os sociólogo Jessé de Souza, chama de "ralé". Sim! Sem os nossos empregos a, esmagadora, maioria de nós passará fome e isso acontece, repetimos, porque somos trabalhadores, vendemos nossa força de trabalho por um salário, o qual nos permite então, viver, ainda que dentro de condições, de razoáveis à precária.

Dito isto, pode-se perceber o interesse principal que nós temos que ter no dia 28: A garan-

tia de que a curto, médio e longo prazo, se mantenha estável a oferta de emprego, seja no setor privado ou público. Esse último é o que nos interessa, nesse momento.

A segunda questão é, justamente, o que significa o dia 28. Esse dia, é mais do que eleger novos Parlamentares, Governadores, um novo Presidente da República. No dia 28 o que está colocado para o povo brasileiro é justamente escolher qual o projeto político, social e econômico que o Brasil deve seguir. Duas opções estão postas: O projeto que denominamos de neoliberalismo, que de forma simples podemos resumir da seguinte forma: é o projeto que reduz o emprego, que destrói os postos de trabalho, seja na área privada ou publica. É bom lembrarmos que esse projeto é o que está em curso no Brasil, desde 2015 e aprofundou de uma forma acelerada, após o Golpe de Estado. Se somarmos a isso a deliberação do Supremo Tribunal Federal que libera o uso de terceirização, facilmente chegamos a conclusão de que esse projeto sendo vitorioso no dia 28 de outubro, nossos empregos desaparecerão, todos seremos terceirizados. E não come-

temos o erro de pensar que temos estabilidade, pois se esse projeto for o vencedor, qualquer servidor ou servidora pública nesse país e em qualquer esfera, municipal, estadual ou união, poderá ser posto na rua, literalmente.

O outro projeto que está em disputa e que poderemos fazer opção é o projeto que vigorou entre 2003 e 2014 e que produziu um imenso aumento dos postos de trabalho, com desemprego inferior a 5%, que tirou o Brasil da 13ª economia do mundo e a elevou para a 6ª, que ornou Brasil protagonista da política internacional e que resgatou mais de 40 milhões de homens e mulheres que viviam na absoluta pobreza. Portanto, técnicos e técnicas administrativos em educação, a escolha é bem simples e não requerer mais esforços intelectuais: No dia 28, tu votarás para continuar em ter emprego e ver o Brasil crescer política, econômica e socialmente ou optar pelas trevas do fascismo, e estas o mundo conhece, pois foram as que levaram o mundo a ter duas grandes guerras mundiais. Faça sua escolha!



SINDICATO NA LUTA

EXPEDIENTE

ENDEREÇO
Rua Padre Nilo Gollo, 76,
São Jorge, Rio Grande RS
Tel.: (53) 3230-2284/3230-5417
Email: aptafurg@vetorial.net

COORDENAÇÃO ADM E FINANCEIRA:

Alberto Campos
Celso Luis Sá Carvalho
Rafael Missiunas

COORDENAÇÃO DE DIVULGAÇÃO E IMPRENSA

Jorge Mello
Maria de Lourdes Lose
Zulema Hernandes

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Marcio Vieira Oliveira- Mtb. 9258
Tel.: (53) 99458125 marcioliveira2000@yahoo.com.br

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO

Editora Casalettras
contato@casaletras.com.br

TIRAGEM

1.000 exemplares

O Jornal Sindicato na Luta - veículo de comunicação da Associação do Pessoal Técnico-Administrativo da FURG (APTAFURG) - tem distribuição gratuita e dirigida.

FURG REALIZA PESQUISA SOBRE SAÚDE E BEM-ESTAR DOS SERVIDORES

Está acontecendo a
PESQUISA

SABES
SAÚDE E BEM-ESTAR
DO SERVIDOR DA FURG

Este estudo tem o objetivo de investigar a saúde física, psicológica e laboral do servidor da FURG.
É a vez de ouvir a sua voz!

REALIZAÇÃO
CERIS
Centro de Estudos Sobre Risco e Saúde

APOIO PROGEP e APTA-FURG

PARTICIPE!
Sua saúde é muito importante para nós.

FURG

O Centro de Estudos sobre Risco e Saúde (CERIS-FURG), vinculado ao curso de psicologia, sob a coordenação do Professor Lucas Neiva-Silva, está realizando uma pesquisa sobre Saúde e Bem-Estar dos Servidores da FURG (SABES-FURG). A pesquisa tem apoio da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas – PROGEP e da APTAFURG.

O estudo tem como objetivo avaliar indicadores de saúde mental e bem-estar entre os Técnicos-Administrativos em Educação da universidade, além de identificar os fatores laborais, socioeconômicos e demográficos que estão associados aos mesmos.

A coleta de dados terá início no mês de setembro e obedecerá critérios de agendamento conforme disponibilidade das unidades de lotação e dos pesquisadores, sendo realizada no próprio local de trabalho do servidor, através de um questionário auto-aplicado.

A pesquisa será realizadas em todos os campi da FURG: Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, São Lourenço do Sul e Santo Antônio da Patrulha.

Uma breve contextualização da problemática e descrição da pesquisa:

Uma das dimensões mais importantes do desenvolvimento humano está relacionada ao trabalho e às relações nele estabelecidas, considerando que um tempo expressivo da vida adulta é vivenciado neste contexto. Apesar de sua importância para o bem-estar psíquico, o termo Trabalho tem origem no latim com a palavra tripalium, que significa uma espécie de tortura, tendo desde sua concepção uma relação direta com sofrimento. Na realidade diária de expediente, muitas vezes, o sofrimento se exterioriza por insatisfações em relação ao conteúdo e em relação às exigências da tarefa, em virtude de sua importância no desencadeamento da relação saúde-trabalho (OLIVEIRA, 2003).

Apesar de existir uma certa melhoria nas condições gerais de saúde da população nos últimos cem anos, desde 1951 as taxas de afastamento do trabalho por

doença têm aumentado nos países industrializados. Em um estudo com servidores federais que solicitaram afastamento, verificou-se que entre os motivos de saúde passíveis de licenças, os transtornos mentais representaram 51,9% do total, indicando que há um crescente quadro de adoecimento mental dos servidores (OLIVEIRA; BALDACARA; MAIA, 2015).

Ao refletir sobre as concepções de qualidade de vida, percebe-se o ambiente de trabalho como uma demanda a se pensar esta temática. Ao cumprir sua jornada de trabalho, os sujeitos estão expressando suas concepções de qualidade de vida e os valores sobre ela construídos. Surge então a necessidade de analisar a importância da qualidade de vida no trabalho a partir de diferentes pontos de vista: o social, o institucional e o acadêmico (FIGUEIRA; FERREIRA, 2013).

Após o exposto, percebe que estudos que possibilitem o conhecimento sobre a realidade dos servidores públicos são imprescindíveis para a definição de prioridades para o planejamento e implementação de ações de saúde do trabalha-

dor. Especialmente no contexto universitário, em que se tem observado uma redução expressiva de investimentos públicos na área de educação e da conseqüente redução das condições de trabalho, há que se investigar a saúde dos servidores envolvidos. Neste sentido, o objetivo geral deste estudo é avaliar indicadores de saúde mental e bem-estar psicológico entre os servidores Técnicos-Administrativos em Educação (TAEs) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), bem como identificar os fatores laborais, socioeconômicos e demográficos associados. Serão investigados aspectos como qualidade de vida, estresse, relações no trabalho, ansiedade, depressão e assédio no trabalho, dentre outros.

Com um delineamento observacional transversal quantitativo, será realizado um censo, a partir da relação de servidores de todos os campi da FURG (Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, São Lourenço do Sul e Santo Antônio da Patrulha). Serão agendadas visitas em cada setor de trabalho, em que após explicação dos objetivos e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os servidores serão convidados a responder um questionário auto-aplicado.

Este projeto é conduzido pelo Centro de Estudos sobre Risco e Saúde - CERIS FURG, vinculado ao curso de Psicologia, sob coordenação do Prof. Dr. Lucas Neiva-Silva, com o apoio da Pró-reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A saúde e o bem-estar do trabalhador mostra-se um tema de grande relevância devido às repercussões causadas tanto no âmbito laboral, quanto no pessoal e social. Espera-se que este projeto de pesquisa traga resultados que possam embasar mudanças nos espaços de trabalho visando as necessidades do servidor.

REFERÊNCIAS

FIGUEIRA, T. G.; FERREIRA, M. C. QVT: "Sentir-se bem depois de um dia de trabalho". R. Laborativa, v. 2, n. 1, p. 27-45, abr./2013.

OLIVEIRA, L. A.; BALDACARA, L. R.; MAIA, M. Z. B. Afastamentos por transtornos mentais entre servidores públicos federais no Tocantins. Rev. Bras. Saúde Ocup., v. 40, n. 132, p. 156-169, São Paulo, 2015.

OLIVEIRA, N. T. Somatização e Sofrimento no Trabalho. Revista Virtual Textos & Contextos, v.2, p. 1-14, 2003. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fas/article/view/958/738>

INSTRUÇÃO NORMATIVA DE TEMER CRIA DIFICULDADES PARA SERVIDORES

O governo acaba de baixar instrução normativa (nº 2) que estabelece para órgãos e entidades da administração pública federal, autarquias e fundações critérios e procedimentos sobre jornada de trabalho, controle da compatibilidade na acumulação de cargos e instituição de banco de horas.

Entre os pontos, a medida estabelece controle eletrônico de frequência, remuneração proporcional à redução da jornada de trabalho e banco de horas, conforme o interesse da administração.

A FASUBRA emitiu uma Nota Técnica a respeito sobre IN e entre outros pontos informa que as universidades tem autonomia para definirem as suas formas de organização, como cita o Artigo 207 da Constituição: As universidades gozam de autonomia didático - científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obe-

decerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Com relação ao controle de ponto, segundo a Federação, no uso de sua autonomia administrativa, em princípio, as autarquias e fundações públicas que se enquadram no citado artigo constitucional poderiam dispor de forma diferenciada, eis que, para atender a sua missão constitucional, poderiam dispensar o controle de frequência.

Nota Técnica:

Ressalte-se que o próprio art. 30 da IN/SGP/MPDG n. 2/2018 traz o fundamento normativo para que haja essa excepcionalidade. Veja-se, a propósito: Art. 38. Observado o disposto nesta Instrução Normativa, o dirigente máximo do órgão ou entidade deverá editar ato com critérios e procedimentos específicos à jornada de trabalho, a

fim de adequá-lo às peculiaridades de cada unidade administrativa.

A Nota Técnica traz diversos outros elementos citados na Instrução Normativa emitida pelo Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, como por exemplo: redução de carga horaria, compensação de jornada entre outros. A Nota está disponibilizada no site da FASUBRA, no endereço: www.fasubra.org.br.

Posição da reitoria da FURG

Segundo a Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas da FURG, professora Lucia Anello a Instrução Normativa número 1 e 2 segue uma diretriz dos órgãos de controle federais como CGU, TCU e Ministério Público Federal e que determina que as instituições de ensino superior públicas façam um controle mais efetivo da frequência do trabalho

dos técnicos. Segundo a posição da FURG esse controle é feito através de folha ponto e esse processo é o suficiente, porém os órgãos de controle já determinaram que seja modificado e passe a ser de forma eletrônica.

Ainda segundo a pró-reitora, a FURG criou uma comissão, composta por representantes da categoria, indicados pela APTAFURG e pela gestão da Universidade com a finalidade de debater a forma como esse processo ocorrerá e que já estão sendo feitos levantamentos, tanto técnicos quanto orçamentários para a implantação do ponto. Segundo Lúcia Anello a FURG não possui verba orçamentária para que a implantação desse sistema aconteça num curto período de prazo e para isso ocorrer o Governo deverá enviar orçamento para tanto.

APTAFURG PARTICIPA DE SEMINÁRIO DE HUS PROMOVIDO PELA FASUBRA

Aconteceu nos dias 1 e 2 de setembro, em Brasília, o Seminário Nacional dos Hospitais Universitários, intitulado: 'Hospitais Universitários e o Desmonte dos Serviços Públicos - Resistir para Existir!'

O objetivo do fórum foi a atualização do Projeto de Hospitais Universitários da FASUBRA, como forma de consolidá-lo enquanto ferramenta de disputa política nos constantes embates que a categoria enfrenta na defesa do Projeto de Universidade, em que está incluída a defesa dos HU 100% SUS e firmado no tripé Ensino, Pesquisa e Extensão/Assintência.

Estiveram presentes mais de 150 participantes e a APTAFURG participou com dois representantes: Gabriela Spotorno e Rafael Missiunas.

Segundo o coordenador da APTAFURG, Rafael Missiunas, houve um grande debate sobre a privatização dos hospitais universitários e os impactos perversos na sociedade. "Um das principais lutas dos Hospitais

Universitários é manter o seu funcionamento 100% SUS, sabemos que o modelo de gestão da EBSEH é uma cópia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, onde há dois tipos de entrada: SUS e Particulares, nossa defesa é que isso não aconteça nos HUS, mesmo com a gestão da EBSEH, os Hospitais Universitários devem continuar a funcionar 100% SUS, pois estes são essenciais para a Saúde Pública no Brasil", afirmou Missiunas.

Uma das temáticas que teve espaço no seminário foi o projeto de HU proposto pela FASUBRA. "Nos dedicamos neste encontro ao desafio de construir propostas para o 'projeto HU'S: Os hospitais Universitários que temos e os Hospitais Universitários que queremos'. Algumas das questões tratadas foram: A revogação da lei da EBSEH com absorção dos trabalhadores/as pelo regime RJU; a possibilidade de ambos trabalhadores (EBSEH RJU) participarem do mesmo sindicato a fins de não fragmentar a luta da classe trabalhadora, entre outras", afirmou Gabriela Spotorno.



Rafael Missiunas- Coordenador da APTAFURG e FASUBRA



COORDENADORES DA FASUBRA: RAFAEL MISSIUNAS, TEREZA FUJII E FERNANDO MARANHÃO, E DELEGADA APTAFURG GABRIELA SPOTORNO

OUTUBRO ROSA EM RIO GRANDE

O Outubro Rosa da Prefeitura de Rio Grande este ano leva o nome "Cris dos Lenços", em homenagem a rio-grandina Cristiane Araújo, idealizadora do projeto "Chá de Lenços", que faleceu no ano passado em decorrência de um câncer.

A abertura oficial da campanha aconteceu no dia 8 de outubro, no Salão Nobre Deputado Carlos Santos da Prefeitura.

Durante a abertura, a Coordenadoria de Política para as Mulheres e a Secretaria de Meio Ambiente de Rio Grande promoveram uma palestra sobre o Plano de Controle e Monitoramento de Agrotóxicos, cujo Projeto de Lei está em discussão na cidade. "Nós sempre temos a preocupação de fazer o Outubro Rosa para além da questão da doença, e levar outras informações importantes para a saúde da mulher. Por este motivo estamos trazendo na abertura o PL e o tema da alimentação saudável, a fim de discutir como o consumo de alimentos com altos índices de agrotóxicos são prejudiciais ao organismo e causadores de várias doenças", explica a coordenadora de Políticas Públicas para Mulheres, Maria de Lourdes Lose.

A programação deste ano inclui a disponibilização gratuita de consultas para a prevenção e o diagnóstico do câncer, encaminhamento para mamografias e ecografias mamárias, realização de exames Papanicolau, coleta de lenços, palestras, seminários, exposições sobre o tema, oficinas de turbantes, bailes, tardes de beleza, caminhadas, entre outros.

O movimento "Outubro Rosa" é reconhecido mundialmente. O nome faz alusão ao laço de cor rosa que é o símbolo do movimento de prevenção ao câncer de mama. O câncer de mama é a neoplasia mais frequente entre as mulheres no mundo, segundo dados da Organização Mundial da Saúde.

O mês de outubro é o um mês de intensificação das ações em todo o país para a prevenção do câncer de mama. Porém, a luta contra a doença deve acontecer o ano inteiro. Visite seu médico, realize com frequência o exame de toque. A prevenção é sempre a sua melhor aliada.

Fonte: Prefeitura Municipal de Rio Grande

DIREITO À ALIMENTAÇÃO ADEQUADA ESTÁ NA DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS – A NUTRIÇÃO E A ALIMENTAÇÃO ADEQUADA E SAUDÁVEL SÃO FUNDAMENTAIS PARA A GARANTIA DESSES DIREITOS

O Direito Humano à Alimentação Adequada está previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos, elaborada e instituída pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1948, e também na Constituição Federal brasileira de 1988. Suas duas dimensões, o direito de todo ser humano de estar livre da fome e de ter acesso a uma alimentação adequada, são parâmetros para que se garanta ao conjunto da população o bem-estar de uma vida saudável, fundamentada na Segurança Alimentar e Nutricional, com acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente. Além do direito à alimentação adequada, os documentos citados mencionam ainda o direito à saúde, educação e trabalho, além de outros de igual importância, como o direito à maternidade e à infância protegida.

A nutricionista e mestre em Segurança Alimentar e Nutricional, Rubia Thieme, compreende que, para que todos os outros direitos possam existir de forma plena, é necessário que o direito à alimentação esteja em primeiro plano. "O direito humano à alimentação adequada é primordial e deve ser realizado e oferecido de forma contínua e também, de acordo com as condições culturais, econômicas, climáticas e ecológicas, conforme a especificidade de cada indivíduo", afirma. Ela lembra ainda que é dever do Estado garantir as condições para que esse direito se efetive na medida em que implemente políticas públicas que visem a facilitar o aces-

so a uma alimentação quantitativamente suficiente e saudável, levando sempre em consideração a proteção ambiental. "É importante que sejam adotadas políticas em relação à sustentabilidade, pois a qualidade da alimentação está diretamente relacionada ao equilíbrio no trato com o meio ambiente, conforme refere a Constituição Federal, em seu artigo 225, que trata dos cuidados com a degradação ambiental e com o controle de substâncias que representam danos e riscos para a vida", explica.

Uso de agrotóxicos preocupa

Uma das maiores preocupações da nutricionista está relacionada ao uso indiscriminado de agrotóxicos e dos males que esse uso traz à saúde humana. "O Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo e o Paraná ocupa a segunda posição em relação ao país. No entanto, o uso dessas substâncias não contribui em nada com a qualidade alimentar, muito pelo contrário. Há comprovações científicas de inúmeros males agudos e crônicos que os agrotóxicos trazem à saúde, incluindo a toxicidade reprodutiva, a mutagenicidade, a carcinogenicidade, além da desregulação endócrina. Muitos venenos agrícolas livremente utilizados aqui são proibidos em outros países", alerta Rubia. Para ela, esse dado alarmante indica que, apesar de referida na Constituição Federal, a segurança alimentar e nutricional, não está sendo garantida na prática.

O Brasil é efetivamente o maior consumidor de agrotóxicos no mundo. A utilização maciça de agrotóxicos traz, como consequência, graves problemas à saúde dos trabalhadores e de toda a população, além de causar danos à natureza pela degradação dos recursos naturais não renováveis, desequilíbrio e destruição da fauna e flora. Isso sem falar da poluição das águas, ar e solo. Estes impactos causados pelos agrotóxicos são o resultado do atual modelo de desenvolvimento, voltado prioritariamente para a monocultura químico-dependente e para a produção de commodities para exportação.

Uma das formas de uso dos agrotóxicos na agricultura, e que pode causar graves problemas à saúde, é a pulverização aérea dessas substâncias. Segundo dados da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), o Brasil tem a segunda maior frota de aviação agrícola do mundo. As questões que envolvem a utilização de agrotóxicos são graves e merecem ser discutidas nos Conselhos de Segurança Alimentar e Nutricional e nos Conselhos de Saúde, nos seus níveis municipais, estaduais e nacional. Os conselhos são constituídos por entidades da sociedade civil e do Estado, são, portanto, controle social, e têm como objetivo garantir o controle da sociedade sobre as ações da administração pública voltadas à garantia da Segurança Alimentar e Nutricional, bem como promoção, prevenção e proteção à saúde.

Escritores de Quinta

A PERNA

JOSÉ ANTONIO ALTMAYER



José Antonio Altmayer nasceu em 21/7/1943, em Rio Grande/RS, é médico, professor titular aposentado de Oftalmologia.

O movimento na capela começou em torno das 15 horas, embora o morto já estivesse ali desde o meio dia. O enterro será amanhã às onze. Ao lado dele só a viúva e o sobrinho, filho da irmã mais velha. Os parentes foram chegando devagarzinho, todos inicialmente compungidos pela perda e aos poucos destravando a língua, enfim descansara (embora não se soubesse quão cansado teria estado) grande cunhado (depois de morto é claro), bom amigo (foi sem me pagar), que tragédia (sempre tem alguém mais dramático). Todos em volta do caixão, depois em grupinhos pelos cantos. O tio Onofre trouxe os copos e sabe-se lá quem, as duas garrafas de cana. A noite seria longa e fria. O Juvenal, 11 anos, trouxe um almanaque do Chico Bento e apóia a revista junto aos pés do falecido, para aproveitar a luz das velas. Para não misturar os copos, cada um esconde num local e de vez em quando disfarça e dá uma bicada. Ali no cantinho da janela contrastando com o vidro empoeirado, na cabeceira do caixão debaixo da renda plástica, debaixo da cadeira. Vez que outra um alerta, opa,opa, esse é o meu. Na saleta ao lado, perto do banheiro, uma roda de carpeta, alguns mais velhos jogando truco. Numa alternância sem combinar, ora um, ora outro, levanta e vai lá abraçar a viúva. O guri, entediado, faz cócegas no pescoço da irmã que se queixa para a mãe que por sua vez o xinga pela falta de respeito com o morto. O sobrinho que antes acompanhava a viúva, agora leva a prima para conhecer a parte de trás. Lá as capelas estão vazias, mas uma delas está aberta e é um bom local para um amasso e tomara que a tia Julia não venha conferir. Mas essa, na verdade, está mais interessada em vigiar seu copinho. Do lado de fora gente que há muito não se via troca abraços, sorrisos e novidades. Está

ali o grande contador de piadas, figura que não pode faltar em ocasiões como esta, provocando risadas contidas e algumas nem tanto. Há sempre uma alegria culpada nos velórios, reencontros sociais em que todos evitam pensar que podem ser os próximos. E a noite chega e avança pelo sereno afora. Tem lua cheia e alguns tratam de fotografá-la com seus celulares e postar na rede, junto com os pêsames para a família. Uma boa parte já voltou para casa, porém tem uma turma fiel, disposta a varar a noite em vigília solidária. Aparece nova garrafa e os copinhos são enchidos. E vem a fome. Carolina toma a iniciativa e recolhe os pedidos de bauru e de refrigerantes. Recolhe também a grana pedindo trocado de preferência. Encomenda um também para a viúva, que gosta sem cebola.

Um alvoroço se arma de repente, antes da chegada da comida. Quem estava do lado de fora se acotovela para entrar e observar a cena. Pauline, a viúva, remexe as flores que encobrem o defunto enquanto exclama em voz alta: a perna, a perna, onde está a perna? Acontece que o Juvenal deixara o Chico Bento cair sobre o morto e quando foi juntar deu falta de uma perna e alarmado falou para Pauline. Calma comadre, diz o Honório, amigo desde sempre, calma pois ele só tinha uma, a outra foi amputada há muito tempo. Pois é dessa que estou falando diz Pauline, a mecânica que ele usava. Não quero que vá sem ela, tão faceiro que era. Calma comadre, diz Honório mais uma vez, vou buscar, só me diz onde ela está. Ficou em cima do armário do quarto de hóspedes quando ele foi para o hospital, agora da última vez, dentro do estojo, diz Pauline. O compadre embarcou no seu fusca e foi buscar, não sem antes dar um último gole no seu copinho. Custou a acertar a chave na fechadura, mas chegou até o quarto. De fato, lá em cima estava

o estojo. Com um banquinho alcançou o topo do armário e puxou pela alça. Não contava que estivesse mal fechado: a perna estatelou-se no chão, batendo antes em sua testa. Na queda entortou num ângulo estranho, como se a articulação do joelho tivesse dobrado ao contrário. Não esticava mais. Também não cabia no estojo.

O motoboy, entregador de baurus, tomou um enorme susto quando chegou no portão das Capelas ao mesmo tempo de um homem tendo uma toalha sangrenta envolta na cabeça, uma prótese torta lançada sobre o ombro e um par de sapatos amarrado em torno do pescoço. Honório lembrara da necessidade de vestir os pés do compadre morto.

A prima Sueli, abatida pelo cansaço e por alguns goles a mais, dormitava na cadeira encostada logo atrás da cabeceira do caixão. O funcionário da funerária trouxe a tampa para testar se seria possível fechar com a perna daquele jeito. Não deu. Encostou, então, a tampa em pé na parede e dedicou sua atenção a posicionar melhor a prótese danificada. Nesse momento ouve-se um grito abafado e um barulho de madeira sendo golpeada. Pânico geral, pois quem não dormia estava quase. Alguns segundos decorreram antes que a situação se clareasse. Os gritos vinham de detrás da tampa e quem batia, tentando se livrar, era Sueli, que acordara com a tal coisa colocada por cima dela e entrara em terror total. Um copo d'água com açúcar serenou a situação.

Às onze horas, depois da encomendação, o cortejo levou Pererê para sua última morada, que descansou sem jamais ter sabido do seu apelido.

“CADERNOS NEGROS” – UMA LITERATURA DE RESISTÊNCIA

Durante toda a história do Brasil, especialmente no período pós-abolição, tivemos homens e mulheres negros que de alguma forma, romperam barreiras e ocuparam o campo da criação literária, construindo obras que se mostraram atemporais, destacando por exemplo: Cruz e Souza, Lima Barreto, Luís Gama, Auta de Souza e, mais recentemente, Solano Trindade e Carolina Maria de Jesus, Conceição Evatisto, Esmeralda Ribeiro, entre outros.

1978

A partir de 1978 a produção literária afro-brasileira dinamizou-se por conta da criação da série Cadernos Negros, que, publicando contos e poemas, tem se tornado o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo.

Além de proporcionar espaço para os criadores, a série, organizada pelo Quilombhoje, também vem se tornando um instrumento para o exercício da lei 10639/11645, pois se constitui numa fonte extremamente rica para veiculação da cultura, do pensamento e do modo de vida dos afro-brasileiros.

De 1978 a 2017

Quarenta volumes foram lançados, um por ano, alternando contos e poemas, proporcionando visibilidade para autores afrodescendentes e fomentando não só a literatura negra, mas também a produção literária das periferias.

Esmeralda Ribeiro

Fonte: Quilombhoje.

Jornalista, nascida em São Paulo em 1958, faz parte da Geração Quilombhoje, que atua nos movimentos de combate ao racismo e na construção de uma 'Literatura Negra', a partir do resgate da memória e das tradições africanas e afro-brasileiras.

Nos anos 80, foi uma das poucas mulheres a integrar as discussões do I e do II Encontros de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros: **“quero falar de 'nós' porque o tempo sempre nos deixou atrás das cortinas, camuflando-nos geralmente em serviços domésticos. Agora, o tempo é outro. É desse tempo que vou falar”**. (Criação crioula, nu elefante branco, p. 59)

O texto de 1982 já demonstrava preocupação com o “papel da escola como instrumento de transmissão e de reforço às ideias e práticas racistas”, e defendia a inclusão nas escolas de

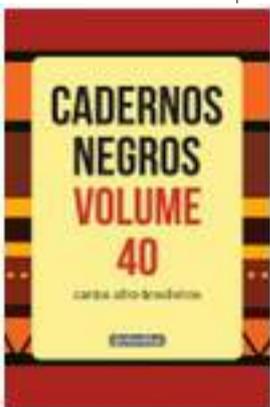
ensino fundamental e médio de estudos sobre a cultura e a história afro-brasileiras, como forma de combater o branqueamento e estereótipos racistas. A autora citava como exemplo as experiências bem-sucedidas realizadas pelo Centro de Cultura Negra, do Maranhão, e pelo Núcleo Cultural Afro-brasileiro, da Bahia.

Por ocasião do centenário da Abolição, Esmeralda Ribeiro publicou o volume de contos *Malungos e Milongas*, em que a condição afrodescendente aflora em toda sua dimensão, com destaque para o tom militante que denuncia a discriminação dos irmãos de cor no contexto da sociedade “cordial” instalada nos trópicos.

No momento, é responsável, junto com Márcio Barbosa, pela direção do projeto cultural Quilombhoje e pela coordenação editorial da série Cadernos negros, atualmente no quadragésimo ano de existência. A escritora está presente em diversas antologias de prosa e de poesia negras, tanto no Brasil quanto no exterior.

Serão sempre as terras do Senhor?

É invasão
quando gente do campo
planta o espírito de Palmares
e dá vazão ao desejo de criar
um Quilombo
e trabalhar com seus pares?
É invasão
se as terras do Senhor
cobrem-se de mato
enquanto olhares à espreita
esperam que uma estrela
traga-lhes justiça e
desfaça o temor?
É invasão
quando em Luiza Mahin
outra mulher se transforma
pra acabar com a dor
de ser tratada como
coisa-ruim?
É invasão
o homem
fincar os pés na terra, pois
será a própria Terra que
vai devorá-lo como
um João-ninguém?
Um dia, quem sabe,
depois dos 300, 400, 1000 anos de
Palmares
gestaremos novos Zumbis, Acotirenes
para redesenhar
a Nação
e talvez do rubro solo
verdes frutos surgirão.



ATÉ QUANDO FICAREMOS ACORRENTADOS AO RACISMO?

*COMBATA O RACISMO EM TODAS AS SUAS FORMAS
VAMOS ROMPER OS GRILHÕES DA INTOLERÂNCIA!*



**SINDICATO
NA LUTA**

**APTA
FURG**
SINDICATO